



A NATURALIZAÇÃO DA POBREZA NO SERTÃO NORDESTINO SOB O PONTO DE VISTA CRÍTICO- LITERÁRIO

THE NATURALISATION POVERTY IN NORTHEASTERN SERTÃO UNDER CRITICAL - LITERARY VIEWPOINT

NUNES^a, Antony Frank Alves; ALCÂNTARA^a, Antônia; SILVANIA^a, Raimunda; GONÇALVES^a, Magna;
LEITE^a, Cecília Bezerra

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO^a

Recebido em: 18/03/2016; Aceito: 20/04/2016; Publicado: 29/07/2016

Resumo

Este artigo discorre sobre a importância da literatura na denúncia em O Quinze, de Raquel de Queiroz, no reconhecimento das situações de pobreza no sertão nordestino. O principal objetivo é mostrar um ponto de vista diferente em relação ao fenômeno da naturalização da pobreza. Os desdobramentos visam investigar e conhecer quais expressões políticas, sociais e econômicas que operam sobre esta naturalização; A sua construção se dá a partir da investigação bibliográfica, de cunho descritivo à luz do materialismo no processo de naturalização da pobreza, contextualiza as políticas sociais da seca e considera pontos importantes a respeito da temática da pobreza.

Palavras-chave: Naturalização da pobreza; Pobreza; Denúncia literária; Sertão nordestino

Abstract

This article discusses the importance of literature in denounces in The Fifteen of Rachel de Queiroz, in recognition of poverty in the northeastern backlands. The main goal is to show a different point of view regarding the naturalization of poverty phenomenon. The developments aim to investigate and to know which political, social and economic expressions that operate on this naturalization; Its construction starts from the bibliographic research, descriptive nature of materialism light in the process of naturalization of poverty, contextualizes the social policies of drought and considers important points regarding the poverty issue.

Keywords: Naturalization of poverty; Poverty; literary complaint ; northeastern backlands

INTRODUÇÃO

No vislumbre deste trabalho, incumbe desnudar alguns aspectos políticos e de caráter regionalizador da pobreza no mundo do sertão nordestino. Quando se reporta em analogia a denúncias literárias pode-se vislumbrar, no rol das expressões produzidas pela sua tendência teóricas e críticas um caráter econômico, e que se remetem a uma visão mais regionalizada deste fenômeno que naturaliza a pobreza neste território sertanejo em relação ao resto do país. Denota-se a partir deste inquérito bibliográfico que o tamanho do desprezo político à qualidade de vida nordestina está diretamente proporcional ao que se denunciam os versos locais da prosa em nossa literatura. Guimarães Rosa, Patativa do Assaré e Raquel de Queiroz são exemplos de prosa regional em forma de denúncia literária.

Em meio a este desafio cultural, um objetivo geral foi lançado, mostrar conceitos de conhecimento sobre esta temática de escolhas pessoais da equipe, identificando neste, a possibilidade de permear os mais profundos anseios de Pedro Demo, empreendendo com este, empreendendo com ele uma luta universitária pelo prazer da leitura, que ocorreria naturalmente após ações de incentivo da própria classe estudantil. As frentes de ação (objetos específicos) remetem ao lançamento de três meios: Mostrar o fenômeno apresentado através de autores renomados, compreender o contexto em que se aplica por meio da pesquisa bibliográfica exposta, mostrar a denúncia literária em relação ao mesmo, e considerar a possibilidade de Incentivo ao leitor deste trabalho para uma maior aproximação de todos aos campos infinitos da leitura e contribuir para redução do preconceito regionalizado.

Foram desenvolvidos dois tópicos, em metodologia dedutiva partindo do geral para o particular, sendo que o primeiro visa enraizar o leitor utilizando-se de um breve resumo para oferecer um pouco de compreensão a respeito do fenômeno, especificando-se razões subjetivas, econômicas e políticas. O segundo particulariza o fenômeno oferecendo-se a visão da crítica literária e faz analogias da mesma ao materialismo histórico dialético compreendido da luta de classes.

O percurso metodológico percorre através da pesquisa bibliográfica descritiva de cunho exploratório apoiando em três autores principais: Garcia, Raquel de Queiroz e Pedro Demo, o

primeiro para centralizar entendimento a respeito de referencia ao problema da naturalização da pobreza, o segundo para aproximar o leitor da crítica literária e o terceiro para ousar no incentivo a prática da leitura do discente.

A prática da boa leitura é o que possibilita tal entendimento, e portanto, imprescindível neste esboço. Incentiva-la é um requisito de lógica para a formação de qualquer pessoa, pois é na leitura que também se depreende a difusão de novos conhecimentos. Na formação profissional, por exemplo, este hábito é essencial e conduzirá o formando a uma rica instrumentalidade em seus processos de trabalho e no reconhecimento de sua atuação profissional.

Portanto, o presente artigo é procedente ao conhecimento e à formação profissional, já que traz consigo argumentos cabíveis ao tema exposto e alimenta o hábito da leitura, de cuja importância o Assistente Social necessita compreender e tomar posse.

DESENVOLVIMENTO

Breves noções a respeito do processo político de naturalização da pobreza no sertão nordestino.

“ Quem come a carne tem de roer os ossos ”

Raquel de Queiroz, O Quinze, Cap I.

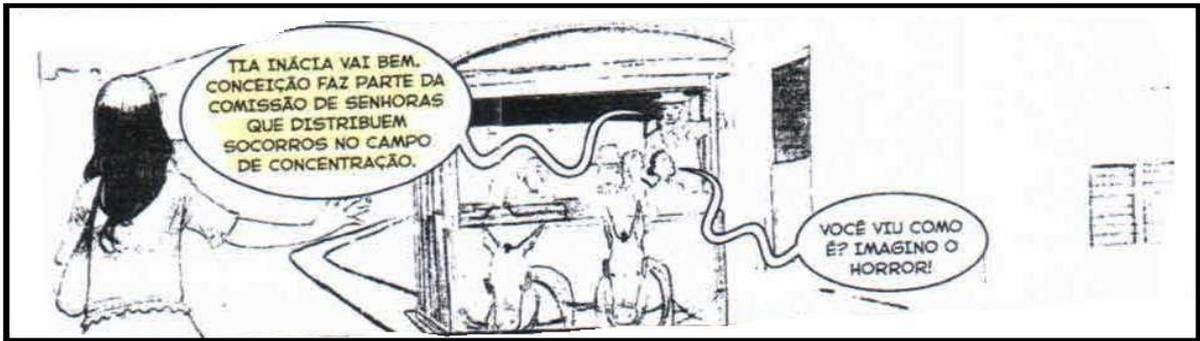
Depreende-se a partir de uma visão ontológica que este tipo de naturalização seja absorvido como um fenômeno social humano e materialista, distante de prova em práxis filosófica, desenvolvido a partir de um processo corriqueiro que o ser humano se utiliza para se tornar justificável algo que não é natural. Observável sem questionamentos, e de acordo com a cultura na qual se verifica, e ocorrendo naturalmente quando se pretende justificar um problema que não pode ser vencido em sua essência. Pode-se entender que esta justificação seja política, econômica e social, deva ser reproduzida através de paliativos, utilizados eventualmente ao compasso histórico em que de verifica seu desenvolvimento.

Para Raquel de Queiroz (2004) a pobreza, entretanto, não se pode atribuir um conjunto de causas metafísicas, como a teoria do karma, mas deve-se reconhecer que a mesma ocorre pela pauta da matéria, em um conjunto dialético de relações sociais, mas observável, neste

caso específico, pela falta de recursos que um indivíduo possui para sobreviver dignamente em sociedade, entendendo este fenômeno puramente contraditório e observável através da discriminação, do êxodo, da seca, da fome e da morte, entre outros.

Notadamente, não se pode afirmar que este conceito de pobreza natural seja apenas abstrato, isto posto, em contrassenso, a pessoa pobre, em qualquer lugar do mundo, sente a sua presença física no contraste com a riqueza e as oportunidades de acesso, e pode ainda ser

subdividida para outros sub conceitos básicos como hipossuficiência, pobreza e pobreza extrema. A extrema, principalmente a do sertão nordestino, serviu e serve como base para denúncias cabíveis, colocadas neste espaço acadêmico, no estudo e na pesquisa de suas causas, tentando apontar através da ciência concreta o fundamento de sua existência e conseqüentemente, de sua causa e reprodução em meio a raça humana. A autora ainda nos faz pensar a respeito da atuação da sociedade civil neste embate:



Tira: SHIKO, O Quinze(2012)

Segundo Raquel, em rabiscos de Shiko, naquele espaço de purgatório, ou seja, de sofrimento cabia a metáfora de substituí-lo por -campo de concentração(pag.51), para o qual apreendemos faces da passagem do nazismo pela terra. Incorporando como esta analogia, o seu posicionamento em favor daquele povo a caminho da morte se alí continuassem. Continuamente, a saída daquele -campol ao qual a autora refere-se era bastante complicada, já que era posto um leilão para as passagens dos meios de transporte da época, através de aproveitadores.

No processo de naturalização visualiza-se facilmente o desaparecimento dos conceitos de pobre e de pobreza, deixando de existir em virtude da relatividade, que ocorre no discurso da cidadania radical, sugerido pelos governos como um viés de propaganda, e que segundo Telles (2001) os mesmos deixam de existir:

[...] O que existe, isto sim, são indivíduos e grupos sociais em situações particulares de denegação de direitos....A indiferenciação do pobre refere a uma esfera homogênea das realidades na qual o indivíduo

desaparece como identidade, vontade e ação, pois é plenamente dominado pelas circunstâncias que o determinam na sua impotência. (Telles,2001,pp.51-52).

Ser indiferente aqui significa não conseguir identificar mais a pobreza, principalmente quanto à mesma é naturalizada pela própria cultura, de forma que não se consegue mais comover a ninguém por meio do discurso imperativo emotivo aos ouvintes, restando a denuncia como opção aos que conseguem visualiza-la encoberta pela falta de informação e de conhecimento.

Também ocorre um fator discriminatório que acabou nomeando um processo de exclusão de alguns estados brasileiros, que são eventualmente abandonados às vistas de todo o resto da nação, principalmente nas políticas agrárias, e na divisão dos programas nacionais de desenvolvimento acabam por construir ao longo dos séculos que a exclusão constante de um grupo o torne normalmente marginalizado no qual verifica-se:

[...]O destino não estava traçado e o caminho não era único, ainda que o passado tenha o seu peso no presente. O Brasil foi fundado sobre o signo da desigualdade, da injustiça, da exclusão: capitânias hereditárias, sesmarias, latifúndio, Lei de Terras de 1850 (proibia o acesso à terra por aqueles que não detinham grandes quantias de dinheiro), escravidão, genocídio de índios, importação subsidiada de trabalhadores europeus miseráveis, autoritarismo e ideologia antipopular e racista das elites nacionais. Nenhuma preocupação com a democracia social, econômica e política. Toda resistência ao reconhecimento de direitos individuais e coletivos (GARCIA, 2003, p. 9).

Este peso do passado é um dos fatores para esta chamada naturalização da pobreza no sertão nordestino, sempre desvirtuado das melhores ações, pobre de investimentos, esquecido politicamente. Neste contexto, a própria cultura do esquecimento se encarregou de transfigurar a memória de seus principais agentes.

Todavia, sabe-se que ainda existe o problema do 'êxodo', como uma consequência inevitável, em que pessoas se mobilizam em fuga do Nordeste para outras regiões em busca de emprego, o que representou grave consequência, que foi a formação de favelas nas grandes metrópoles, em um fator de fuga parecido com o que esta ocorrendo na Síria nos dias de hoje. A rota desta fuga ocorria geralmente em paus-de-arara, caminhões adaptados para o transporte público, bastante populares na realidade sertaneja e que servem hoje de transporte das romarias a Juazeiro do Norte.

A esperada reforma agrária, que nunca aconteceu de fato, impulsionou eventos separatistas de lutas, como o Caldeirão do beato Zé Lourenço e seus seguidores, fazendo do Sítio sua proposta de mini reforma, que foi imediatamente entendida como afronta ao poder político de sua época, e duramente massacrada pelas forças nacionais, haja vista seu caráter político socialista, entendido em seu tempo como um prematuro estado de comunismo, que não teve tempo para amadurecer, sendo arrancado antes do tempo, como um fruto verde que se despreza até mesmo as

sementes.

A falta de educação, observada ao longo das décadas nos baixos índices apresentados produzia apenas trabalhadores desqualificados para o mercado de trabalho, muitos deles braçais, aumentava-se a ideia errônea que os sertanejos eram desprovidos de inteligência, e serviam apenas como animais de carga, e os mesmos não podiam se educar.

Os programas sociais eram cada vez mais reduzidos e focalizadores, abrindo espaço para introdução de conceitos metafísicos contrários a materialidade e a dialética que explicariam melhor este fenômeno. Estes pensamentos mistificadores introduziram conceitos espiritualistas e confirmaram pensamentos subjetivos sem idealização prática, e objetividade de explicar a essência daqueles problemas sociais. O nordestino, desprovido de tal consciência crítica, cujo direito de pensar era furtado continuamente, não poderia jamais entender a luta de classes e ainda mais a conjuntura política na qual estava assentado, apenas sentir os seus efeitos.

No cume deste contexto, a cereja do bolo era uma ideia de sincronicidade com a força do destino, ou com o destino, apoiados na base teórica que explica os sofrimentos de uma vida presente enquanto punição de erros de uma outra vida passada, elevando-se neste nexos, a compreensão de um ser transcendental.

A naturalização que produziu afirmações e conceitos de diminuição deste povo dispõe-se pela discriminação regionalizada, desviando-se da materialidade de sua verdadeira essência as pessoas atribuem a pobreza enquanto maldição ou diminuição de seres humanos sendo considerados incapazes de se autopromover (chamados de burros). Porém esta miséria não iria passar pela humanidade sem que fosse denunciada no próprio sotaque local.

A triste prosa dos esquecidos

Neste tópico, usa-se o termo -triste prosal objetivando significar -triste condição, que será apresentada para condizer em analogia às expressões do capitalismo. Em face, aproveita-se do momento e da temática para lançar o desafio de incentivar-se a boa leitura. É sabido que a literatura contribui em qualquer formação, principalmente as humanas. Em sua metodologia de construção utiliza-se a bibliografia crítica, identificando-se na cor local para a qual os autores se utilizam sua linguagem própria. Romantismo e regionalismo são enlaçados aos conceitos de inclusão, exclusão e luta

de classes, sua justificativa identifica-se promovendo este hábito de ler, portanto apropria-se de Pedro Demo, Raquel de Queiroz e manuseia outros autores nesta ênfase.

Todavia, cabe ressaltar que, nos campos de trabalho, o recém-formado profissional irá batalhar pela sua entrada neste espaço, e posteriormente pela conquista de reconhecimento neste mesmo espaço de trabalho, para somente tornar-se estável e reconhecido. Nesta oportunidade, a incapacidade de articulação sobre as demandas complexas torna-se grave problema para a vida profissional, cabendo neste sentido, introduzir-se a raciocinar mais sobre a importância do ato de leitura com qualidade assim como propõe Pedro Demo, esclarecendo na oportunidade que:

"De cidadãos que sabendo ler bem se articulam em torno da autoridade do argumento, em nome da democracia igualitária; aí queremos chegar, numa sociedade que, aprendendo a ler a realidade de maneira crítica e autocrítica, possa equacionar democraticamente suas divergências, a ponto de prevalecer o bem comum". (Demo, 2005c).

um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados (Kleiman, 1993, p.10 e grifos nossos)

Remete-se à produção literária local, alçada por poetas que vivenciam a própria realidade e a passam para seus trabalhos, a responsabilidade de esclarecer encantando. O sentido literário de encantar em versos apropria-se da denúncia que alimenta a fome por justiça, a sede por superação e por conhecimentos intelectuais que sejam capazes de libertar o homem da máscara da alienação.

Em seu livro -O quinzal, Rachel procurou, de alguma forma, sensibilizar a todos através de

Portanto, para o referido autor podemos entender que a sociedade somente aferirá reconhecimento aos profissionais que sobressaem profissionalmente, alcançando qualidades em vários quesitos importantes, como nas ações técnicas do atendimento, na prestatividade e no reconhecimento de ações complexas e outros. Com isto, afirma-se que o papel do escritor não seja apenas o simples ato de redigir um texto ou outro, mas de colocar sua alma em linhas, em páginas, transformando escritos simplórios em melodias afinadas com a realidade. Frases em músicas pretendem estender a comunicação e transformar juízos de valor. É a despeito desta denúncia literária, compassada durante o século XX, que invadir-se-á esta realidade exposta, contemplando-se neste esboço o carecimento por leitura, a apreciação da arte literária nordestina e seus espaços de compreensão em face ao materialismo dialético. Neste entendimento, Kleiman (1993), considera o ato de ler como uma prática social capaz de mudar o próprio sentido da interação do homem com o meio em que vive.

— Consideramos esta (a leitura) uma prática social que remete a outros textos, a outras leituras. Em outras palavras, ao lermos

sua descrição de forma crítica e, ao mesmo tempo, da triste realidade do povo sertanejo que, assolado por secas ano a ano e pela miséria social sempre presentes em seu cotidiano, vê-se obrigada, esta gente, a fazer uma migração para terras estranhas de suas origens, saindo do grande sertão para os grandes centros urbanos

Os costumes da sociedade atual reproduzem traços de imagem do nordestino construídos deste o século passado, apresentando-se agora, como fruto de várias expressões da naturalização da pobreza no Brasil, incorporando-se com esta uma visão natural da miséria, agora reconhecida e sem necessidade de perguntas, apenas sendo requerido ao bom observador o vislumbre das faces humanas, e ver-se-á os seus males mais profundos, neste propósito Raquel de Queiroz expressa-se através de seu romance da seguinte forma:



Shiko. O Quinze(2012).

No desenrolar da tira acima, vê-se que os personagens incorporam a denúncia promovida pela autora, de que a sociedade nordestina estava entregue à sua própria sorte ao incorporar, através de traços do desenho do chargista Shiko uma forma metafórica em que as letras tomam forma em expressões de um quadro desta realidade.

O Quinze, portanto, denunciava atitudes egoístas do ser humano em um evento temporal que ainda hoje faz parte do cotidiano nordestino, desmascarando as facetas de egoísmo que somente o gênero humano possui em sua política de governabilidade uns com os outros, justificando sua denúncia que pode ser analisada no viés prático das relações sociais entre trabalhadores e burgueses.

As ações de reforma agrária, que ainda hoje tentam se confirmar através de movimentos organizados como MST – Movimento dos Trabalhadores sem terra tentaram fazer avançar na distribuição de terras. A lei usucapião, portanto foi uma das poucas conquistas, mas quando veio a ocorrer, apenas em 1981, a maioria dos sertanejos já haviam abandonado suas terras, outras já empossadas por latifundiários e aproveitadores, muitos deles políticos. Portanto, não se encontraram mais espaços para os esquecidos da seca.

Postos os argumentos nos tópicos mencionados, resta-se apenas abrir tais obras, e debruçar-se sobre as mesmas, comparando-as com a realidade da vida contemporânea. Neste momento, presume-se que o leitor seja capaz de argumentar com a visão dos autores no bojo de suas teorias e compreender a visão da realidade enquanto materialista, introduzindo novos conhecimentos com os quais poderá incrementar suas ações profissionais e ajudar na formação da democracia em qualquer parte.

Considere-se, portanto, que a naturalização da pobreza denunciada através da literatura regional seja complexa, e somente entendida sobre

o *primax* crítico, para o qual a dialética seja a mais cabível metodologia a ser aplicada, dizendo com isto que, esta denúncia literária seja pautada nesta ideologia.

Entendendo-se a essência, compreendem-se as particularidades

Para um tema de bastante complexidade, já que a essência da pobreza não é a sorte, nem a predestinação e exige-se do articulador a apropriação de uma via crítica do porquê. Nesta via, adentrou-se, primeiramente, ao campo mais científico possível, na busca de autores capazes de nortear compreensões atualizadas sobre a problemática do tema, de forma indutiva, apropriando da generalidade em função de explicar a especificidade.

A particularidade deste tema é conceituar uma proposta sobre um ponto de vista. Em face, a denúncia literária parte do pressuposto de que a ajuda política não veio, cabendo a transferência a grupos, muitas vezes formado por senhoras, como se aponta no Quinze, ou a ações religiosas que, por muitas vezes, mistificam o problema da seca e da fome no Nordeste do Brasil.

Verifica-se que a essência, denunciada por autores literários, neste contexto histórico, é o descaso político em si, na despreocupação que os governos da época tiveram para com o social. Já que, na época, ou seja, no início dos anos vinte já se poderia realizar obras como a transposição de águas, promovendo irrigação que amenizaria ao menos o problema da produção de alimentos. Segundo estudos do extinto Denocs (Departamento de Obras contra as secas) diziam que o Rio São Francisco, que corta quase todos os estados nordestinos, na época, diferentemente de hoje, possuíam grandes vasões de água.

No entanto, obras como o açude Castanhão somente foram concluídas em 2003, e não se apresentaram com elas a viabilidade de irrigar terras do agricultor familiar, servindo-se delas para fins particulares e por muitas vezes fugindo ao controle estatal.

O desafio que esta mediação enfrenta, em todas as suas fases, permeia-se no ato de confrontar autores para atendimento aos objetivos específicos desta pesquisa, partindo da explicação da essência até a expressão do fenômeno, fator este, que impôs a busca no contexto do cotidiano, sem desprezar, no entanto, alguns autores clássicos.

Isto posto, no decorrer da construção do trabalho aqui exposto, escolheu-se o materialismo dialético, conjugando sobre este, de forma mais sutil, a naturalização da pobreza enquanto verbo de suas expressões na luta de classes. Para identificar este enquanto problema político, social e econômico cabia oferecer, através da pesquisa bibliográfica, argumentos de autores de comprovada técnica para a explicação deste fenômeno.

Encontrando os fenômenos da presente pesquisa bibliográfica, o novo desafio seria aproximar o materialismo histórico dialético desta relação com autores de um gênero textual diferente, em face o narrativo apropriando-se da denuncia sobre o referido fenômeno introduz-se tiras para uma melhor compreensão do contexto.

Sobreveio em seguida a necessidade de dividir pelo menos, nos dois tópicos para compreensão do presente entendimento, aos quais se versaria a política, o social explicando a presente matéria e um segundo oportunizando o objetivo geral proposto, para os qual o esboço recorre a vários autores. Na mostra da denuncia literária, mostra-se como ocorre esta crítica através de analogias entre narrativas populares e o marxismo na luta de classes.

Obtendo-se argumentos, conclui-se o presente artigo apropriando-o de um conclusão dissertativa que oferece compreender o problema exposto de forma clara e concisa. Esta compreensão é fruto da soma de conceituação de um problema com a denuncia do mesmo, além de oferecer incentivos ao hábito da leitura narrativa para a compreensão de temas dialéticos.

Ninguém melhor nesta literatura regional do que Patativa na -triste partidal para contribuir com a explicação deste êxodo, e nos esclarecer melhor tais frases da referida autora, no melhor recurso de linguagem que se possa utilizar para substituir pessoas por seres inanimados e depositar sobre estes todas as suas qualidades humanas. Nesta

metáfora, transporte-se através da imaginação ao momento daquela fuga, na qual muitos desfaleceram, no triste filme da seca no sertão nordestino.

Entende-se com os literários, que a desgraça neste mundo ocorra pela falta de amor e de compreensão e seja por ação do próprio homem na condução do sistema econômico, assim como se pretende afirmar a lógica capitalista de tornar condições sociais humanas *in tempore*, em naturalidade e conformidade à sua essência dialética, o homem sempre será objeto uns dos outros.

Acrescente-se que, em Patativa também podemos realizar, sem nenhum prejuízo, os preceitos de Marx (O Capital), quando aponta a seguinte denuncia ao capitalismo:

[...]Trabaia dois ano, três ano e mais ano e sempre no prano, de um dia inda vim, mas nunca ele pode, só veve devendo, e assim vai sofrendo, tormento sem fim. do mundo afastado, sofrendo desprezo, ali veve preso, devendo ao patrão, o tempo rolando, vai dia vem dia, e aquela famia, não vorta mais não! (Patativa, 1998).

Isto é, trabalhar somente para dar lucro ao patrão. O sertanejo na cidade estranha alimentava a reprodução do capital, que o aprisionava através do processo de trabalho, da mais-valia e da alienação, mas também da impossibilidade de estudar, de qualificar-se ou de compreender esta realidade. Ir a São Paulo não significava apenas um sonho de fuga da seca, mas também o aprisionamento a outros senhores que agora iriam ditar os novos rumos de suas vidas, nas quais se alimentava a ideia de plena liberdade, mas esta nunca iria vir, nem tampouco a oportunidade de voltar à terra natal.

MÉTODOS DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Para tanto, o presente trabalho iniciou-se em setembro de 2015, em equipe, com objetivo de tecer considerações sobre a importância da denuncia literária em relação a naturalização da pobreza no sertão nordestino e da importância de sua leitura no meio universitário. Sendo este, tema de construção e oportuno ao momento crítico pelo qual passa o Brasil atual.

O artigo foi construído a partir do

Materialismo histórico Dialético, inicia-se com a pesquisa bibliográfica em Raquel de Queiroz em usufruto do livro *O Quinze*, o qual retrata a seca do ano de 1915, introduzindo outros autores para entender o problema da seca apontado em sua crítica literária. Utiliza-se de tiras do livro *O Quinze* retratados na obra do chargista Shiko em 2012 com finalidade de conduzir o leitor a uma aproximação imaginária com o cotidiano esboçado na fala de seus personagens.

No entanto, o principal objetivo desta síntese teórica é mostrar um ponto de vista diferente em relação ao fenômeno da naturalização da pobreza incentivando a leitura de prosas. Portanto, os desdobramentos desta investigação bibliográfica contribuem a partir deste viés em conhecer quais expressões políticas, sociais e econômicas operam sobre esta naturalização; incentivar a leitura; propiciar e contribuir na diminuição da discriminação regional.

Em suma o trabalho foi construído em tópicos que versam política, social e economia, desmistificando a essência do problema estudado através de argumentação teórica propícia. A distribuição dos tópicos se dá em primeiro conceituar a naturalização da pobreza no sertão nordestino em contexto político, o segundo retrata um contexto histórico social e o terceiro subjugando o motivo de desmistificação da essência, dizendo ser este um problema econômico, advindo da exploração entre os homens.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Considera-se o presente artigo procedente à difusão do conhecimento, com fulcro nos argumentos da bibliografia apresentada. Posto que a analogia entre os gêneros é imprescindível ao acúmulo de conhecimento científico, entende-se que:

É plenamente cabível o emprego de metáforas para explicar temas complexos, em virtude de oferecimento que esta figura de linguagem oferece através de exemplos objetivando entendimento de realidades complexas. O eufemismo presente na maioria destes gêneros, no entanto, conduz a diminuição do impacto que uma expressão pode causar no leitor e também é aceita, com ressalvas, desde que não desvirtue a matéria concreta, transferindo-se a conceitos místicos da realidade;

Que a melhor forma de entender temas sobre problemas sociais exige de todos o hábito da leitura sob bojo do materialismo dialético, mas que esta temática se tornará mais facilitada quando

visualizada no contexto que concretiza esta realidade, podendo-se interagir com esta, através de análise e observações críticas;

A leitura de prosas e versos pode ser considerada bastante eficaz, isto porque situa o leitor no seu próprio contexto, e ainda mais quando se enfocam leituras que abordam o cotidiano das realidades; colocando a pessoa na chamada consciência de classe.

Portanto, o presente artigo responde o que é naturalização da pobreza na realidade sertaneja, onde e porque acontece, além de oferecer incentivo da leitura sobre as obras de gêneros narrativos são apropriadas para o aumento da qualidade da formação de todo e qualquer profissional, fazendo-o através deste hábito, adentrar no campo do conhecimento social, tornando-os mais capazes discursar e dialogar com esta dura realidade.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. Editora Vozes, 1978, São Paulo.

DEMO, Pedro. Educação e qualidade. Campinas: Papiros, 1994.

ELIAS, Norbert. O processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização. Apresentação: Renato Janine Ribeiro. V, 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GARCIA, R. C. Iniquidade Social no Brasil: Uma aproximação e uma tentativa de dimensionamento. IPEA (texto para discussão). Brasília, agosto de 2003.

QUEIROZ, Raquel de, *O quinze*, Edição revisada, Editora José Olympio, 2004. São Paulo- SP.

SHIKO, Rafael Coutinho. clássicos brasileiros em HD, FNDE, Ministério da Educação. Editora Ática, 2012.